

# EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: DIREITOS DAS MULHERES E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Dayani Oliveira Silva<sup>1</sup>; Anália Oliveira de Souza<sup>2</sup>; Emanuele Nascimento de Oliveira Sacramento<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Estudante do curso de Antropologia – ICS/UFOPA – E-mail: [day-o@hotmail.com](mailto:day-o@hotmail.com); <sup>2</sup>Estudante do curso de Direito – ICS/UFOPA – E-mail: [oliveira.analia1@gmail.com](mailto:oliveira.analia1@gmail.com); <sup>3</sup>Docente no curso de Direito e coordenadora do projeto Nascer em Santarém – E-mail: [emanuele.sacramento@ufopa.edu.br](mailto:emanuele.sacramento@ufopa.edu.br).

**RESUMO:** Considera-se Violência Obstétrica o conjunto de elementos simbólicos e/ou físicos presentes nas posturas, condutas e procedimentos prestados a pessoa gestante, seja durante o pré-natal, pré-parto, parto ou pós-parto, que violem seus direitos e sua capacidade de escolha. Tendo em vista a necessidade de ampla discussão sobre o tema em um cenário de elevado índice de Violência Obstétrica. O projeto Nascer em Santarém emerge como uma proposta de ação junto a acadêmicos (as), profissionais e gestantes, tendo como objetivo geral: promover o debate acerca do tema da violência obstétrica na sociedade santarena. E Objetivos específicos: a realização de oficinas de educação em direitos humanos voltadas para o tema dos direitos das mulheres e violência obstétrica; realização de dois eventos (seminário, colóquio, cine-debate ou outro); realização de uma ação social em parceria com cursos da área da saúde para promover acesso a exames, orientações jurídicas e outras atividades para as gestantes; promoção de consultoria jurídica para as vítimas de violência obstétrica; produção de artigos científicos, resumo estendido ou banner como resultado. Foram utilizadas metodologias de base freiriana, através dos princípios da educação popular. Dentre as técnicas utilizadas destacam-se as rodas de conversa, oficinas, palestras, debates, mesas interativas, relatos de parto, técnicas de pesquisa (bibliográfica e documental), dentre outras. Conforme os objetivos traçados no plano de trabalho, entende-se que estes foram alcançados com sucesso. Com as atividades do projeto, estima-se que, aproximadamente, 585 (quinhentas e oitenta e cinco) pessoas foram alcançadas diretamente pelo projeto, através das atividades, nos espaços comunitários e acadêmicos.

**Palavras-chave:** violência obstétrica; educação popular; gestantes.

## INTRODUÇÃO

O parto é um fenômeno fisiológico e faz parte do processo reprodutivo de diversas espécies. Sabe-se que o parir, bem como outros elementos associados a reprodução possuem representações variadas conforme a cultura produzida por diferentes grupos. Um aspecto em comum encontrado em um resgate histórico sobre o parto, refere-se a ele ser assistido por uma ou mais pessoas, sendo um espaço marcadamente feminino (VENDRÚSCOLO, KRUEL, 2015).

Nesse contexto, diversos conhecimentos sobre o corpo da mulher foram se produzindo nesses espaços e as parteiras surgiram como um ofício de aprimoramento empírico a partir das experiências de parto. Ao longo da história, sabe-se que entre os séculos VI e VII, a figura da parteira e outras condições análogas passam a perder espaço na “assistência” ao parto para a figura do médico, bem como o parto passa a ser institucionalizado, sendo preconizado a realização em hospitais. Dessa maneira, métodos desenvolvidos para evitar números elevados de morte materno infantil, como o fórceps<sup>2</sup> e a cesariana foram sendo aprimorados, e de fato evitaram muitas mortes em casos críticos, contudo, embora extremamente invasivos, tais métodos, foram considerados eficientes na época.

No entanto, observa-se que com o desenvolvimento da chamada “medicina baseada em evidências científicas” uma série de avanços permitiram compreender o desenvolvimento da gestação, tornando menos necessário certos procedimentos, tendo em vista que as pesquisas demonstraram consequências negativas e possíveis sequelas tanto para as gestantes quanto para os neonatos. Nesse sentido, observa-se que os procedimentos e técnicas obstétricas quando devidamente utilizados são determinantes para a prevenção da mortalidade materno-infantil, entretanto, quando passaram a ser utilizadas rotineiramente sob condições violentas caracterizam-se como violência obstétrica.

Compreende-se por violência obstétrica a violação dos direitos da pessoa gestante no processo de pré-natal, pré-parto, parto e pós-parto, que inclui a negação de sua autonomia e poder decisivo da mulher sobre seu corpo. Ocorrendo assim uma apropriação indevida dos processos reprodutivos da parturiente por parte dos profissionais de saúde, através de um discurso cientificista, mecânico, tecnicista e impessoal (ZANARDO et. al, 2017).

---

<sup>2</sup> “fórceps, instrumento criado para extrair os bebês em casos de partos difíceis que poderiam resultar em mortalidade materna e perinatal” (MAUDONADO 2002 apud VENDRÚSCOLO; KRUEL, 2015)

Segundo a Declaração da Organização Mundial Saúde - OMS sobre Taxas de Cesáreas, um número acima 10% de cesarianas não está associado a redução de mortalidade materno infantil (OMS, 2015). Conforme dados da pesquisa “Nascer no Brasil” (FIOCRUZ, 2014) do total de partos realizados entre 2011 e 2012, 52% foram cesarianas, muito superior ao recomendado pelos (as) profissionais de saúde que é de 10% a 15%. Os resultados preocupam ainda mais quando é realizado o recorte por setores, indicando 46% dos partos cesarianas são realizados pelo setor público, em contrapartida o setor privado apresenta um quantitativo altíssimo de 88%.

Tendo em vista o acima exposto, os casos recorrentes de denúncias de violência obstétrica na cidade de Santarém e ausência de números mais precisos sobre a região, as práticas extensionistas se tornam uma via importante de comunicação com a população mais vulnerável as situações de violência, as gestantes.

Diante da necessidade imediata de se discutir as práticas de atuação em saúde dos (as) profissionais de saúde na atenção a gestante e sensibilizar as gestantes quanto a seus direitos, o projeto Nascer em Santarém apresentou como objetivo geral: promover o debate acerca do tema da violência obstétrica na sociedade santarena. E Objetivos específicos: a realização de oficinas de educação em direitos humanos voltadas para o tema dos direitos das mulheres e violência obstétrica; realização de dois eventos (seminário, colóquio, cine-debate ou outro); realização de uma ação social em parceria com cursos da área da saúde para promover acesso a exames, orientações jurídicas e outras atividades para as gestantes; promoção de consultoria jurídica para as vítimas de violência obstétrica; produção de artigos científicos, resumo estendido ou banner como resultado.

Quanto à metodologia utilizada ao longo projeto, podem ser destacadas as pesquisas bibliográficas e documentais, registros em fotografia, registro audiovisual de entrevistas, registro transcrito, relatos de parto, oficinas de capacitação, mesas redondas, círculo de planejamento, minicursos, rodas de conversa, entre outras. As atividades de modo geral apresentaram dois seguimentos diferentes, de natureza complementar: o primeiro tem ênfase a formação da equipe através de reuniões semanais e o segundo, a atuação junto à comunidade.

Conforme o levantamento realizado no mês de junho, estima-se que mais de 280 (duzentas e oitenta) pessoas foram alcançadas pelo projeto através das atividades extensionistas realizadas *in loco*. Além disso, foram contabilizadas 4 (quatro) reportagens, 8 (oito) rodas de conversa, 14 (catorze) oficinas, 2 (dois) minicursos, 1 (uma) exibição de filme, 1 (uma) mesa redonda e 3 (três) produção de três artigos científicos apresentados no CBEU. Diante do acima exposto vale ressaltar que embora quantitativo apresente números considerados significativos de alcance do projeto, as experiências vivenciadas não poderão ser dimensionadas tanto em vista profundidade presente nas trocas realizadas ao longo de cada experiência no projeto.

Desse modo, considera-se que o Projeto Nascer em Santarém no seu primeiro ano de execução tem tomado grandes proporções de alcance durante os primeiros trimestres de 2018, bem como contribuído significativamente para as práticas de educação em Direitos Humanos na cidade de Santarém, conseqüentemente sendo um dispositivo de facilita a garantia dos direitos das gestantes.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia proposta e adotada nas ações do projeto teve como base as obras e práticas extensionistas de Paulo Freire, tomando como princípio de discussão os lugares pelos quais os (as) estudantes estão, bem como o lugar onde os (as) comunitários (as) estão e trabalhar para a compreensão e desconstrução gradual de elementos simbólicos de hierarquia mantida historicamente pela universidade (detentora de saber) e comunitários (as) (sem saber). Possibilitando assim uma percepção crítica sobre os microdispositivos de manutenção dessas barreiras relacionais no contato com o público (dotado de saber), em uma relação com universitários (as) (dotados de saberes outros).

Desse modo, as relações propostas na dinâmica das atividades consideraram tanto o contexto sociocultural das gestantes e profissionais como tiveram como ponto de partida, seus saberes e seus códigos de significado. Algumas técnicas utilizadas durante a vigência do plano de trabalho foram: grupos focais, narrativas, história de vida, história oral, etnografias, oficinas de discussão e capacitação, pesquisa bibliográfica, documental, legislativa e em base de dados, busca de depoimentos e casos na web, construção de sínteses e utilização de metodologias ativas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

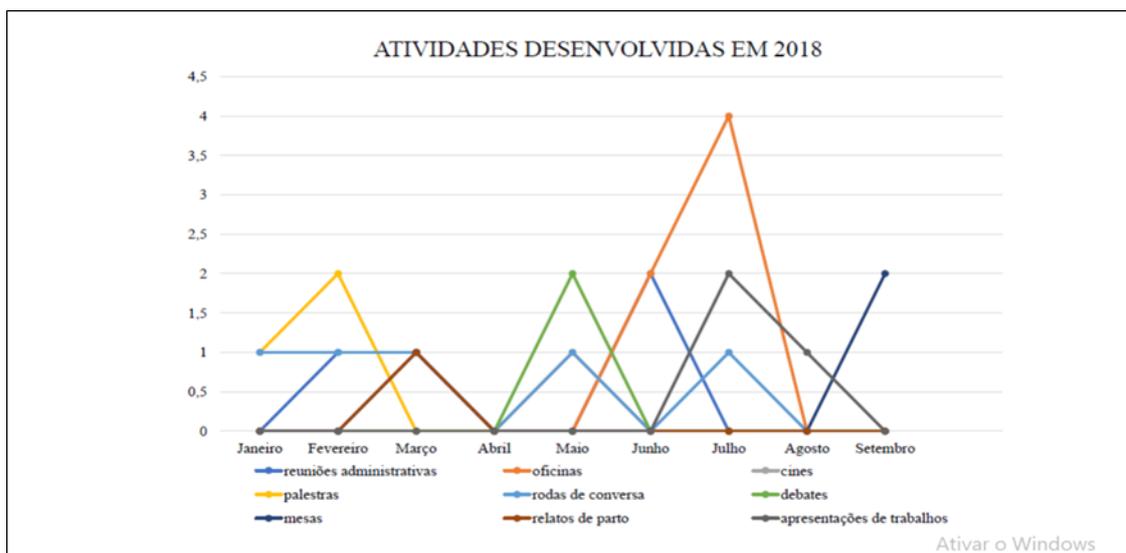
Estima-se que dentre as atividades realizadas pelo projeto, 585 (quinhentas e oitenta e cinco) pessoas foram alcançadas diretamente, sendo o número de alcançados (as) indiretamente não estimado. Conforme apresenta a **Figura 1**, no ano de 2017 foram realizadas: 16 (dezesesseis) reuniões administrativas, 10 (dez) oficinas, 1 (um) cine debate, 1 (uma) palestra, 2 (duas) rodas de conversa, 1 (um) debate. Diante desses dados é possível observar que o

projeto nas etapas iniciais estava concentrado na realização de reuniões para o alinhamento dos (as) discentes, voluntários (as) e colaboradores (as) externos (as), bem como oficinas de capacitação para a equipe.



**Figura 1.** Quantitativo de atividades desenvolvidas pelo projeto Nascer em Santarém em 2017. Fonte: Acervo pessoal – Projeto Nascer em Santarém.

Em 2018, foram realizadas o quantitativo de 4 (quatro) reuniões administrativas, 6 (seis) oficinas, 4 (quatro) palestras, 5 (cinco) rodas de conversa, 2 (dois) debates, 3 (três) mesas, 1 (um) relato de parto, 3 (três) apresentações de trabalhos, conforme a **Figura 2**:



**Figura 2.** Quantitativo de atividades desenvolvidas pelo projeto Nascer em Santarém em 2018. Fonte: Acervo pessoal – Projeto Nascer em Santarém.

De janeiro a setembro de 2018, o projeto apresentou um número maior de atividades junto a comunidade (gestantes, discentes e profissionais da saúde), através de rodas de conversas, realizadas preferencialmente em UBS na cidade de Santarém, bem como mesas, palestras, relatos de parto, oficinas, debates e exposição de trabalhos. O projeto encerra o primeiro ano de vigência com 15 (quinze) integrantes, sendo 1 (uma) coordenadora, 3 (três) colaboradoras externas, 10 (dez) discentes e 1 (uma) bolsista.

No tocante as avaliações qualitativas, observou-se que com o estreitamento das relações entre a equipe e as gestantes, usuárias dos serviços em saúde, e profissionais das Unidades Básicas Saúde, tornou-se viável a realização de questionamentos sobre a experiência nas rodas de conversa. Por vezes eram levantadas falas sobre a importância de espaços de discussão e apontamentos sobre os direitos da pessoa gestante e outros (as) que acompanham o parto.

Um dos resultados de grande relevância para o projeto, foi a fala de uma gestante que foi atendida pelo projeto e teve acesso a informações sobre o plano de parto enquanto um dispositivo de garantia de direitos durante o parto. Durante entrevista a um canal da mídia local, a gestante relatou ter recebido um bom atendimento no hospital municipal da cidade e que teve um parto humanizando, conforme seu planejamento e desejos para o parto.

### CONCLUSÕES

Considerando o percurso do projeto e os resultados advindos das intervenções é possível compreender que os objetivos inicialmente traçados foram alcançados. A Violência Obstétrica acabou por se apresentar como uma temática de interesse, não somente por parte das gestantes, mas de profissionais, docentes e discentes em Santarém. Algumas dificuldades também podem ser destacadas, como a mobilidade da equipe do projeto para as Unidades Básicas de Saúde, localizadas em diferentes localidades da cidade ou dificuldade de acesso a materiais e equipamentos próprios do projeto. Todavia, foram superados a partir da articulação entre a equipe e setores da Ufopa.

Por fim, entende-se que o projeto Nascer em Santarém, tem se configurado como um elemento importante no processo de informatização sobre os direitos das gestantes, bem como um dispositivo de fortalecimento para a garantia dos direitos das gestantes da cidade de Santarém. Desse modo, o encerramento do primeiro plano de trabalho, marco o início de um projeto que não se encerra no ano de 2018, mas um marco para a continuidade de execução de atividades e serviços que beneficiem a comunidade Santarena como um todo.

### AGRADECIMENTOS

Aos colaboradores e colaboradoras externos(as) e Instituições que construíram parceria com o projeto, que vem acompanhando e dedicando seu tempo ao projeto e principalmente a comunidade santarena; A Pró-Reitoria da Cultura, Comunidade e Extensão da Universidade Federal do Oeste do Pará, que fomentou a bolsa de PIBEX-2017.

### REFERÊNCIAS

FIOCRUZ. **Nascer no Brasil**. 2014. Disponível em: <<http://www6.ensp.fiocruz.br/nascerbrasil/principais-resultados2/>>. Acesso em: set. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Declaração da OMS sobre taxa de cesárias**. 2015. Disponível em: [http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/161442/who\\_rhr\\_15.02\\_por.pdf;jsessionid=A8C4825EB2A8538E097ADAD7869EE957?sequence=3](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/161442/who_rhr_15.02_por.pdf;jsessionid=A8C4825EB2A8538E097ADAD7869EE957?sequence=3) 2015. Acesso em: set. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 63. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2017.

VENDRÚSCOLO, C. T.; KRUEL, C. S. A história do parto: do domicílio ao hospital; das parteiras ao médico; de sujeito a objeto. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 16, n. 1, p. 95-107, 2015.

ZANARDO, G. L. P., e outros. Violência Obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 29, e155043, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822017000100218&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100218&lng=en&nrm=iso). Acesso em: set. 2018.